



# Alma Nova

N.º 4

À Grande Actriz-Empresária Amelia Rey Calaça, cuja festa artística, realizada na quinzena finda, constituiu um natável acantecimento mundana.

# S U M Á R I O

CAPA, Fotografia da grande atriz Amelia Rey Colaço; DESALENTO, *D. Beatriz Arnat* (com retrato); A QUINZENA, *Redacção*; MUSICA, *Senhora Condessa de Proença-a-Velha*; O ASSASSÍNIO DA ACTRIZ MARIA ALVES E O NOSSO INQUERITO; CARTAS PARA O OUTRO MUNDO, *Carmen Marques*; MONUMENTOS DO PASSADO: A Torre das Cabaças ou «Cabaceiro» de Santarem, *José Ozório*; OS CABELOS CORTADOS E A SUA HISTÓRIA, *Carlos de Oliveira*; PERFIS. III, C. L., *J. F.*; UM INVESTIGADOR DE MERITO; PÁGINA DE TRÁS-OS-MONTES; AMOR OCULTO, *Nogueira de Brito*; PÁGINA DO PORTO, *D. Branca Lopes*; A QUINZENA GRÁFICA; PROFÉTA DO OUTEIRO, *Afonso Correia*; BARCELOS: A FESTA DAS CRUZES, *Rafael Ferreira*; ANTERO DE QUENTAL, *Nuno Catarino Cardoso*; PÁGINA DAS COLÓNIAS, *Simeão, Vitória*.

## PENSÃO TRANSMONTANA

A mais bem montada, a mais asseada, a mais económica (porque o hospede não precisa de extraordinários) DESCONTOS ESPECIAIS AOS TRANSMONTANOS  
DIÁRIA (com vinho incluído), 10\$00  
RUA DA CEDOFEITA, 289. 2.º—PORTO

## EMILIO SALGUEIRO

ADVOGADO  
RUA AUGUSTA, 188, 3.º-E.  
TELEFONE C. 1954  
LISBOA

## NOVIDADE LITERÁRIA “CAIXA D'AMENDOAS”

VERSOS QUE DAN-  
ÇAM O FOX-TROT,  
O TANGO E O MA-  
XIXE

PO R  
*Luiz d'Oliveira Guimarães*

PEDIDOS À REDACÇÃO  
DA “ALMA NOVA”—OS  
ASSINANTES DESTA RE-  
VISTA TÊM 20% DE  
DESCONTO

:: 5 \$ 0 0 ::

A melhor e mais completa preparação de saes calcicos



## SILICALCINA

(REGISTADO)

O melhor medicamento no cura do tuberculose, roquitismo, linfotismo, anemio, neurostenia, froquezo geral e no convalescença de todos os doencas

ABRE O APETITE E AUMENTA A NUTRIÇÃO

À VENDA

FARMACIA CUNHA  
R. do Escola Politecnico, 18  
FARMACIA BARRAL  
Ruo do Ouro—LISBOA

## CASA OURIQUE

DE  
JOSÉ JOAQUIM DA SILVA

123 - A — Rua Silvo Carvolho, 125  
Sucursal — R. Conde das Fintas, 75

LISBOA

BOM CALÇADO A ESC. 5\$00

BASTA INSCREVER-SE HOJE MESMO NAS SERIES PROGRESSIVAS DESTA CASA, PARA ASSIM OBTER UM PAR DE CALÇADO PARA SENHORA OU HOMEM, CONFORME ESCOLHA DE V. EX.ª

Recomendamos aos nossos leitores esto coso, pelo seu variadissimo e elegante sortido executados pelos ultimos modelos parisienses.

## TIPOGRAFIA E PAPELARIA AMERICA

263, 265, 267, R. da Escola Politecnica

:: :: LISBOA :: ::

Coso editora e depositario de livros do Escola Central de Sorgento-, Ministerio do Guerra, Guorda Fiscal e Guordo Naciono Republicano :

Impressos para o exercito e fornecimentos militares EXECUTA RAPIDAMENTE E A PREÇOS EXCEPCIONALES:

Obras e publicações, Teses, Estatutos, Relatorios, Bilhetes de loja, Facturas, Talões, Menús, Programas, Bilhetes de visita em todas as qualidades e preços, Mapos, Rotulos, etc. :

Fabrizo de corin bos de borrocho, sinetes, choncelas, gravuras, etc.

## TITULO TRIUNFADOR

Marca registada

RUA DA MADALENA, 113, 3.º D.º — LISBOA

Calçado a escolher por Esc. 5\$00, sem passagem de senhas, e sem prejuizo do comprador. Abriu no dia 12 do corrente a venda deste titulo ao preço de Esc. 5\$00, sem que o portador do mesmo tenha de se incomodar na passagem de senhas, e que muito rapido obtem um optio par de sapatos ou botas tanto para homem como para senhora e de Foot-Ball, feito nas minhas oficinas, tambem se fazendo por medida. Pelo processo que exponho no dito titulo, a todos se garante um par de sapatos ou botas, procedendo se com a maxima honestidade. Já se distribuiram alguns premios.

Os pedidos pelo correio devem vir acompanhados de Esc. 5\$00 para o titulo, e mais om e tudo para registo e expediente.

E quando chegar á altura de receber o par de calçado se á avisado pelo correio.

ABRE DAS 9 A'S 19 HORAS





## A Q U I N Z E N A

**D**OIS acontecimentos sensacionais tocaram a epiderme da sensibilidade alfacinha, na quinzena que hoje finda: a questão dos tabacos, cujo praso da concessão do monopólio acaba de expirar, e a viagem aérea Lisboa-Madeira-Açores, por Neves Ferreira e Moreira de Campos, no hidro-avião «Infante de Sagres» — o formoso «Focker 25» da Aviação Naval, — cujo desaparecimento, com os seus tripulantes, durante quasi dois dias, fez passar a nação inteira algumas horas de angustiosa expectativa.

Sobre a questão dos tabacos degladiaram-se na Câmara dois partidos — o dos que preconizam a «régie», ou seja o monopólio do fabrico nas mãos do Estado, ou com intervenção dêste, e o dos que defendem o regime livre.

Sabido que o Estado português não oferece muitas garantias como administrador directo, parece que tudo deveria inclinar-se para a liberdade absoluta de fabrico e venda.

A «Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses», com séde em Lisboa, lançou uma circular em que fundamenta várias considerações sobre a produção dramática portuguesa e a função do Teatro Nacional, e declara ter resolvido entrar num movimento tendente a divulgar as suas ideias no tocante áquele teatro do Estado, cujo diploma em projecto pode garantir a literatura dramática e o trabalho dos maiores artistas da scena portuguesa.

Para levar a bom termo, junto dos poderes públicos, o plano de ressurgimento do teatro português, a referida colectividade resolveu alargar o âmbito da sua capacidade de representação, solicitando a adesão de todas as colectividades mentais do País.

«Tem de se adoptar um critério novo — diz — de maiores perspectivas, amplas e rasgadas, porque é preciso, também, dar um exemplo aos diversos núcleos teatrais, agora, mais do que nunca, ameaçados pela anarquia e pela crise resultante da indisciplina e da desconfiança do público, a fim de se juntarem para combater o inimigo comum — a cinematografia».

Foi triunfalmente acolhido no norte do país e na Espanha, o Orfeão Académico de Lisboa, que já regressou á capital.

As nossas felicitações aos bravos rapazes e aos seus dois oradores oficiais, os nossos colaboradores Dr. Manuel Gomes dos Santos e Paulo de Brito Aranha, que tanto contribuíram para êsse triunfo.

O sr. M. Gomes dos Santos, que conquistou, no ano último, as melhores simpatias do Brazil, como orador oficial do Orfeão Académico de Lisboa, acaba de ser nomeado sócio correspondente do «Centro Duriense» no Rio de Janeiro.

Vimos algures que o total de notas emitidas, por habitante, em alguns países, passou, de 1913 a 1925, a ser o seguinte: em Inglaterra, de 0,75 a 3,25; na Bélgica, de 5 a 9,09; na Holanda, de 4,13 a 10,26; na França, de 5,67 a 9,80; na Suíça de 3,30 a 8,75; na Itália, de 3,30 a 4,55. A unidade referida é a libra.

Nada reza esta pequena nota estatística de Portugal. Aqui está um caso em que o silêncio vale ainda mais do que o ouro!

A produção do ferro em 1925, na Alemanha, foi de 10.176.699 toneladas. Se abstrairmos os territórios perdidos pela guerra, vemos que a diferença, para menos, em relação á produção de 1913, foi de 6,6 por cento.

Quanto á produção do aço, foi de 17.193.454 toneladas e a de laminados de 10.246.199 toneladas, numeros estes iguais ao da produção de 1913.

No que respeita á produção de carvão, foi 132,7 milhões de toneladas de hulha; 139,7 milhões de toneladas de linhite; 26,8 milhões de toneladas de coque; 5 milhões de toneladas de aglomerados de hulha e 33,6 de toneladas de aglomerados de linhite. A produção foi superior em 11,6 por cento á de 1924 e inferior em 6 por cento á de 1913.

A exportação de carvão excedeu em 9 milhões de toneladas as importações, durante o ano passado.

As vendas de potassa alemã foram, em 1925, de 12.254.554 quintais métricos, contra 8.420.605 em 1924.

A Alemanha fez, em 1925, empréstimos externos num total de 1320 milhões de «reichmark», dos quais 961 milhões foram emitidos nos Estados Unidos, 122 milhões na Inglaterra, 153 na Holanda, 69 na Suíça e 25 na Suécia.

Com 84 anos quasi, mas uma alma sempre moça, a despeito da idade, fileceu em 20 do mês último, vitimado por uma pleuresia, o médico distintíssimo, antigo deputado e algarvio dos mais afeiçoados á sua província, dr. Agostinho Lúcio da Silva.

O dr. Agostinho Lúcio era natural de Faro, tendo nascido em Dezembro de 1843 e aí estudado, até entrar na Escola Politécnica de Lisboa, onde tirou os preparatorios para a Escola Médico-Cirurgica. Tanto em estudante, como na vida profissional e politica, deu sempre as melhores provas. Actualmente era o chefe dos serviços de saude dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e sub-delegado de saude em Lisboa.

O seu funeral, nesta cidade, foi uma tocante manifestação de pesar.

O dr. Agostinho Lúcio era o mais antigo clínico de Lisboa.

# M U S I C A

## PELA SENHORA CONDESSA DE PROENÇA-A-VELHA

Da moderna e alucinante vertigem da produção, apura-se e fica apenas, o que fôr compatível com o bom gosto e razão artística: o resto, é fogo fátuo, que brilha e morre sem deixar vestígio.

—A archeologia prehistorica—em curiosas investigações — encontrou obras d'arte que remontam a longinquas eras e atribuiu á diversidade dos climas, essas variadas manifestações, rudimentares e ingenuas.

N'um primoroso estudo sobre a origem da canção popular portugueza, — devido á penna auctorisada de musico erudicto — encontra-se identica observação: Relacionando tambem com o clima as variadas melopeias do povo, attribue a multiplicidade dos rythmos á paisagem esteril, agreste, arborisada ou fertil; á luz do sol dourada, viva ou ardente, e á densa neblina, que envolve a planura triste, ou a charneca arida de azinho e esteva.

— Inspirado nos cantos populares do seu paiz, Schubert ligou — com genial simplicidade — as notas da sua musica, ás poeticas lendas do Rheno, criando o "lied", que Wagner transformou em epopeia: mas o ideal artistico do Titan de Bayrouth, perdeu-o a principio em intrincado labyrintho. O seu genio revelou-lhe o fio de Ariadn, firmando nitidamente a sua figura de triumphador.

Para seguir a orientação Wagneriana, não se deve imitar servilmente os seus processos, mas—como ele—procurar inspiração na poesia nacional: nos costumes pittorescos do povo, nos trajos garridos das camponesas, nos singelos cantos sagrados, ou nas canções e dansas caprichosas e dolentes, em tudo se pode encontrar inspiração e sentimento artistico.

A musica — entre todas as artes — é com certeza a mais pura e subtil, pois tem o poder de fixar a significação da imagem, indecisa e vagamente idealisada, quando a palavra, só por si, não consegue já traduzir o pensamento.

Impondo-se — mesmo a quem ignora a sua technica — eleva o espirito oprimido pelas miserias da vida real, fazendo esquecer amargura e desanimo, no sonho puro, ideal da harmonia e da paz.

— «La musique est dans tout...»

Lisboa, Abril de 1926.



# O ASSASSÍNIO DA ACTRIZ MARIA ALVES

**E**STÁ completamente revelado o mistério do crime da atriz Maria Alves e a ferros o seu autor.

Triunfou a versão da imprensa, que bem mereceu por isso, mais uma vez, da Justiça e do Público.

Foi o empregário Augusto Gomes, o próprio amante da desditosa actriz, quem a assassinou, de facto. Palco do sinistro drama — o automóvel.

A versão da entrada da actriz para o eléctrico e a fantasia tétrica dos gravateiros, não seriam apenas uma cortina, com seus fiosinhos perversos de simpatia política, para ocultar o autêntico criminoso?

Felismente, a verdade é como o fogo, que mais tarde ou mais cedo dá sinal de si. Agora, foi uma inconfidência feminina que lançou a faísca. É que, além do assassino e da vítima, o drama teve outros personagens: o «chauffeur» do automóvel em que esse último acto da trágica vida da actriz foi representado e três confidentes deste — o advogado Dr. Berens

Freire e dois frequentadores da Abadia.

Indicado pelos «reporters» á Policia de Segurança, é descoberto o «chauffeur» João Fernandes.

«Augusto Gomes e Maria Alves — explica — tomaram-lhe o carro á saída do Maria Vitória e mandaram seguir para casa da artista. Na rua Francisco Foreiro, á Avenida Almirante Reis, abre-se, porém, a portinhola do carro, e um corpo é projectado, com o auto em vertigem.»

Augusto Gomes estrangulou a actriz e, depois de a ter despojado de todas as joias e de um riquíssimo casaco que a envolvia, desfazia-se assim dela, atirando-a á valeta. Ao «chauffeur», apontando-lhe depois o cadáver, intimou-o



MARIA ALVES

(Foto Nogueiro)

## E O NOSSO INQUÉRITO

. . . ? . . .

a que nada revelasse, se não queria que lhe sucedesse o mesmo.

João Fernandes, com receio de poder vir a ser considerado cúmplice, procurou um advogado a quem pôz ao corrente de tudo e pediu conselho.

Aconselhou-o o Dr. Berens Freire a que deixasse a polícia agir, e João Fernandes assim fez.

Passados 12 dias Augusto Gomes é emfim, prêso. . .

\*

Tendo-se negado o Dr. Berens Freire, refugiado no «segrêdo profissional», a revelar o nome do «chauffeur» que o consultou, resolvemos abrir, no número anterior, o seguinte inquérito, que alargamos a todas as profissões:

1.º — *O que é, que latitude deve ter e quais as vantagens e inconvenientes do chamado «Segrêdo Profissional»?*

2.º — *Haverá necessidade de reformar a nossa actual legislação nesse capítulo?*

Iniciaremos no próximo número a publicação das respostas já recebidas.

Só publicaremos as opiniões expressas com base científica e imparcialidade.

No Fôro, na Medicina, na Igreja, no Exército, nos altos cargos do Estado

e na Imprensa, entrevistaremos as mais cotadas figuras. Todas aqui dirão de sua justiça; todos aqui poderão deixar uma directiva; um ensinamento um conselho.

Ousamos por isso recomendar, a todos, o nosso inquérito.

## CARTAS PARA O OUTRO MUNDO

OH! VÓS, ALMAS PENADAS!

**T**RÁGICO amanhecia o dia! O sol sangrento rompia a custo o nevoeiro, através do qual a humanidade o fitava, como o pronúncio fatal do ano mil! E era um nevoeiro denso, um nevoeiro espesso de chumbo, como a mortalha da terra!

Bom! Nesta altura estão á espera duma elegia de alguém escapado milagrosamente a essa morte geral, como Noé, dentro da Arca, se salvou para bem de todos nós. Já me livreí duma dessas, mas foi em sonhos; quando acordei, além de mim todos os outros estavam vivos. O pior é que eu ia tomando a sério aquela descrição, cujo prosseguimento ha-de aparecer num livro grave, em que ponha tais sonhos na cabeça de outrem:—não gosto de comprometer os meus créditos.

De resto, vou justificar plenamente a idéa de escrever-vos, alminhas santas: é que neste mundo já ninguém as lia,—tão fartos andamos das cartas de toda a gente, desde as de Camilo, que pelos modos esgotaram as contas da lavadeira, até ás da menina da moda que escreve as da ama do mano mais novo e que, ás vezes, para lhe dar mais importância na aldeia, as fabrica em graciosos versos, em lugar de prosa chã.

Só se forem vocês que me leiam. Cá pela terra, não calculam o que succedeu: cada vivo tem meio livro publicado, três, pelo menos, em original sem editor, e dez para escrever. Ninguém tem tempo de ler o que os outros escrevem e escuso de dizer-lhes que entre tantos escritores, ha muitos que não tiveram tempo de pensar o que iam dizer nem de aprender a dizê-lo. Cada qual apanhou o que poude e onde poude para os seus livros; houve mesmo quem o apanhasse em livros de outros, ro furor de escrever qualquer coisa...

Havia tambem um público que ia aprendendo a soletrar; mas esse, pobre dele, já declarou que tão cêdo não torna a cair noutra, por estar mortalmente saciado: 1.º de sujeitos que choram por qualquer coisa e com isso fazem versos; 2.º de sujeitos que teem graça até nos bicos dos sapatos e que a põem em prosa; 3.º de sujeitos que não teem vergonha nenhuma e, por consequência, não pôdem pô-la nem em verso, nem em prosa, nem mesmo em peças de teatro.

Das meninas, então, não lhes digo nada! No vosso tempo bordáveis a missanga e a cabêlo; ha trinta anos, todas as que são hoje respeitáveis mães de família, arranharam os ouvidos aos vizinhos com a vóz e o piano; hoje, ainda ha quem siga o exemplo das mães; mas essas são patetas sem

importância. Ás meninas actuais, o que as distingue das de todos os tempos, é o fazerem sonêtos. Creio que algumas ainda teem professora de instrução primária, mas isso não quiere dizer nada: quem é que vos não desculpava indulgentemente, quando a missanga ou o cabêlo não ficavam tão bem no vosso bordado, alminhas de outros tempos?

As últimas novidades são as conferências da União Intellectual e as da Câmara Municipal... para os munícipes aprendêrem a andar; parece que é para pousarem os pés sem estragarem o veludo das ruas, que fôram arranjadas e que já teem muitas covas.

Agora as da União Intellectual são outra coisa: imaginem que appareceu um certo número de teimosos, aos quais se meíeu em cabêça que os escritores haviam de pensar antes de escrever, que quem não tivesse que dizer havia de estar calado, que os mocinhos do Chiado haviam de ler os clássicos e nêles reconhecer que a sua prosa é de preto, que as meninas haviam de passar a fazer sonêtos sómente para a família, que tôda esta gente iria escutar-lhes atentamente os conselhos no Salão de S. Carlos e se compenetraria de que êsses dizeres sensatos lhe tocavam pela porta e haveria um acto de contrição geral por tanta tolice que ha anos os livreiros teem pôsto nas montras. E, como consequência, o tal público, que principiara a soletrar, voltaria a pegar em livros e chegaria, porventura, a ler.

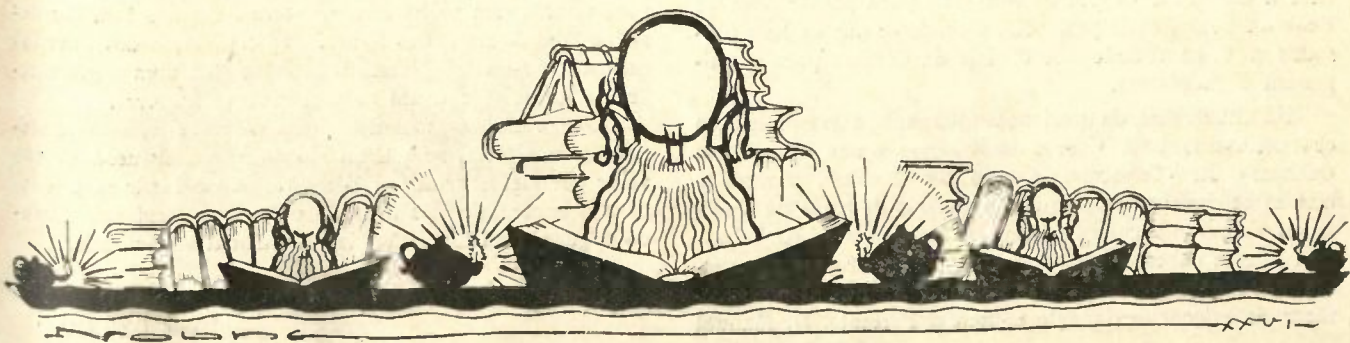
Mas as alminhas acreditam que haja algum rabiscador capaz de convencer-se de que, pelo menos, não vai no caminho da primeira glória do seu tempo? Alguns nem rabiscam para outra coisa, nem com outro sentimento... Creio, porém, que a União Intellectual ha-de lá chegar por outra razão: é que o bacalhau e os dividendos já se vão apertando um pouco para presentes tão graúdos como a edição dum livro... e então, adeus oh! glória e retratos nos jornais! *Primum vivere...*, que é como quem diz: primeiro comer, e noutros tempos é que êle caía do céu...

Até outro dia. Se vos visse, havia de contar-vos estas coisas mais ao vivo; mas as cartas pôdem cair nas mãos de alguns dêles, e havia de ser bonito...

Os meus respeitoses cumprimentos para as côrtes celestiais e infernais, conforme o lugar onde estiverdes ou que vcs ficar mais perto. É bom ter amigos em tôda a parte...

Da vossa futura companheira

CARMEN MARQUES



A TORRE DAS  
CABAÇAS  
OU  
« CABACEIRO »  
DE  
SANTAREM

A O lado doutros monumentos, seus coevos, que formam o conjunto gracioso de preciosidades arqueológicas das civilizações passadas, a « Torre das Cabaças », nesta velha Scalabis, é uma peça de destaque para quem vem lendo a história patria desde o principio da nossa nacionalidade.

Santarém, que possui uma história que se liga intimamente à tradição da nossa raça lusitana, poderia ostentar encantos maravilhosos de antiguidades, se não fossem, a ignorancia e a audacia de muitas entidades que, numa furia dictatorial, tem destruido e reduzido a montões de ruínas o que deveria ser mantido pelo respeito religioso que merece tudo o que é do passado.

Em Santarém a sanha de destruição não tem tido limites!

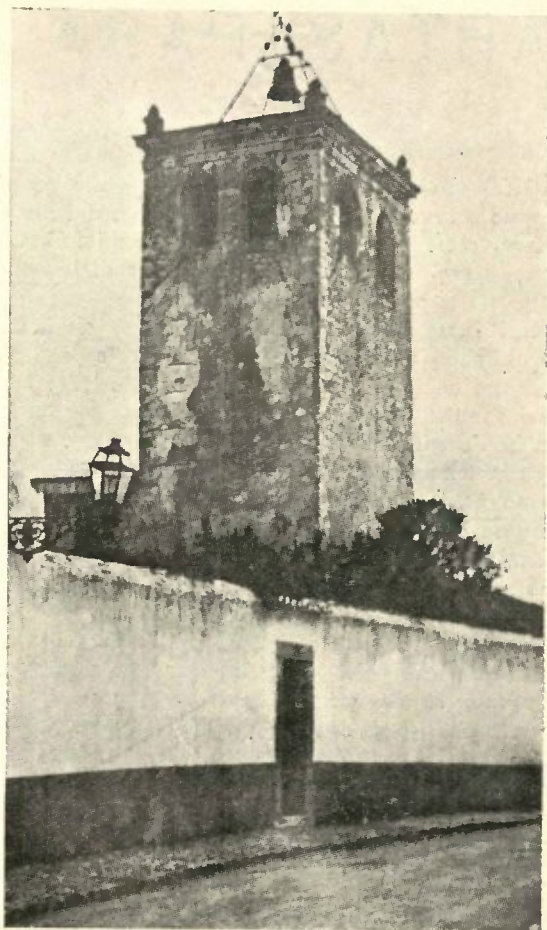
Sem querer remontar ao tempo em que foi demolido o convento de S. Domingos, que mereceu uma das belas fulgurações de espirito de Frei Luiz de Sousa, para no seu recinto se levantar a praça de touros, fazendo-se até da arca sepulcral de S. Frei Gil — o mago das covas de Toledo — uma pia para amassar cal, ainda estou assistindo ao vandalismo do convento de Santa Clara e á recente demolição da Igreja do Salvador, tão antiga, que, segundo a opinião de antiquarios, nela celebravam os godos officios divinos.

A « Torre das Cabaças » foi construida como obra d'arte e de utilidade pratica na vida real. A sua história é muito grande, havendo duvidas sobre a data em que foi construida.

Almeida Garrett fala dela no drama « O Alfageme de Santarem », cuja acção decorre entre D. Fernando e D. João I, havendo, portanto, razão para acreditar que já existia nesse tempo. Vem depois Ramalho Ortigão e contesta a sua existencia desde a invasão castelhana, dando a sua data do tempo de D. Manoel.

Num volume em manuscrito, que os estragos dos anos tornaram quasi intraduzivel, encontrei um registo feito pelo Escrivão do Juizo do Tombo dos Bens da Real Corôa de Santarem em 1625, por onde se mostra que por sentença da Relação de 1610 foi julgado um pleito que mandava tirar á Camara a « Torre do Relógio » para passar para os Bens da Corôa, onde pertencia, dizendo-se que os Reis passados a tinham dado aos officiaes da Camara para a estimarem e guardarem.

Na altura, pois, da dominação espanhola, este monumento era conhecido pela « Torre do Relógio » e não « Torre das Cabaças » ou « Cabaceiro », como lhe chamam, parecendo que as celebres cabaças, que são pucaras de barro da olaria local, foram ali colocadas por D. Manuel para simbolisarem as sete cabeças dos vereadores que fizeram uma construcção tão desgraçada, não podendo de modo algum satisfazer ás exigencias daquele monarca. Portanto, D. Manuel



A « TORRE DAS CABAÇAS »,

que esteve prestes a ser demolido e que o Comissão Solvadora dos Monumentos de Santarem conseguiu libertor do comortelo municipal, é um antiquissimo peço orqueológico do vetusto Scolabis, que é de todo o justiça seja elevodo o monumento nociano e posto de vez oo obriga de qualquer otentoda, isolondo-o do cosoria que o rodeio.

não foi de forma alguma o seu fundador, mas outros reis anteriores.

Embora não se possa precisar, com dados seguros, a data da sua fundação, o que é certo é que ela representa uma coisa grande para todas as gerações que se vem succedendo na terra santarena.

E' um padrão elegante de velhas idades, dum delicioso efeito scenografico e, como diz o autor do livro « O culto da Arte em Portugal », « tudo envolve de penetrante poesia local esta velha torre », porque ela nos fala das lezirias, das hortas, dos paues, das courelas e dos olivedos que a circundam e fazem dela como que uma parte integrante da paisagem, um natural rebento da terra.

Este velho monumento, digno de respeito, está condenado a ir a terra, se à Comissão de Arte e Arqueologia não velar por êle, libertando-o das mãos da edilidade santarena, para o encorporar nos bens do patrimonio nacional, ficando á guarda da Comissão dos Monumentos Nacionais.

Santarém.

JOSÉ OZÓRIO.

III

C. L.

DIZEM que, em rapazinho, lá na terra, ia aos ninhos e jogava a pedra

Depois, muito vivo, em estudante, confiante em si, deu sempre provas brilhantes. Conta-se até que, em um momento apertado de dinheiros, pedira emprestada certa quantia que pa cria depois, quando recebesse o prémio pecuniário da sua applicação.

E o caso foi que obteve o prémio e pagou a divida.

Oficial de engenharia, parte para a Africa, onde serve nos caminhos de ferro.

Regressado, entra na actividade politica.

Revolucionário ousado .. é vencido.

Surge o atrás morticínio. Tem um acto heroico e tocante. É senhor de uma das mais simpáticas curas dos últimos tempos. Mas perde o oportunidade para prover o que valeria e atribue-se-lhe — por uma frase que se diria traduzida do francês — o ter ossustado o capitalismo, forçando-o a pôr os seus hcveres em lugar abrigado das investidas dos governos!

Como jornalista, e para jornalistas, é frequêntemente um *blagueur*; e, como *blague*, disse-se reservado "para a redenção d'um povo" . que não crê em Messias.

Um alto funcionário da Igreja chcmou-lhe *bouche d'or*.



NA CAVALGADA DOS TABACOS

(CARICATURA DE MANOEL FARMHOUSE)

As damas ogradam os seus discursos violentos. Ao povo, a sua argumentação sagaz. E, quando ele fala, é enchente certa!

Não; não se pode negar que o nosso perfilado de hoje, como orador, é querido — permitam-nos a manelra antiga — pelo Clero, pela Nobreza e pelo Povo!

J. F.

# UM INVESTIGADOR DE MÉRITO



DR. SIMÕES RATOLA

TEM hoje a *Alma Nova* o prazer de prestar a sua homenagem a um devotado amigo das letras, etnógrafo e bibliocário de reconhecida aptidão e valor: o dr. Simões Ratola, da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Natural do lugar de Pedrouços, á sua história tem dedicado o melhor do seu esforço e do seu talento, escrevendo e fazendo publicar vár os estudos que teem marcado pela sua originalidade e abundância de úteis esclarecimentos.

Citaremos, entre outros:

"*Pedrouços — Noticias histórica e discriptivo* — Lisboa, 1901."

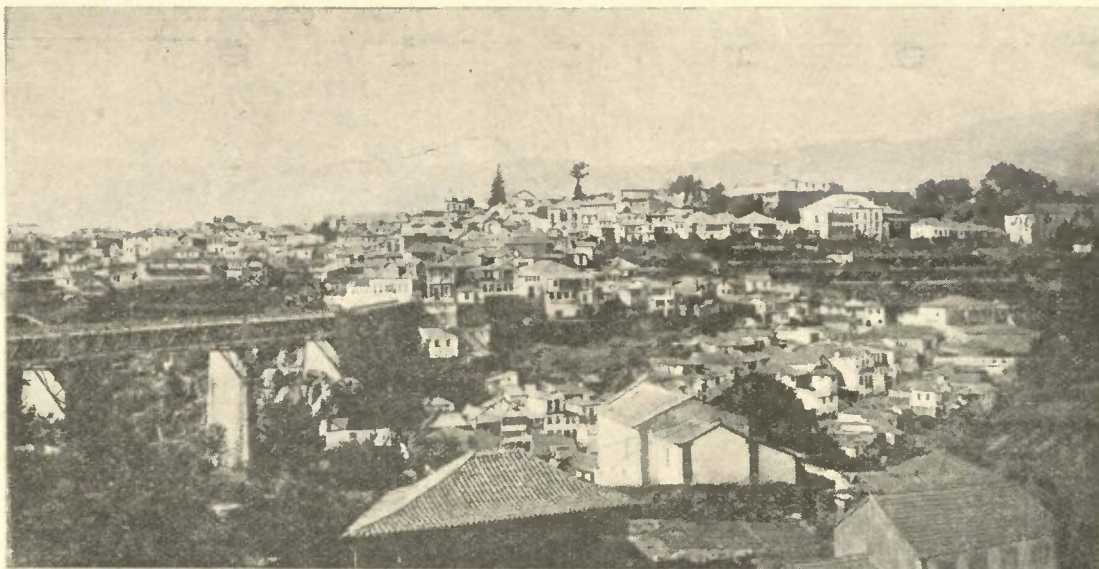
"*Discrição do convento do Bom Sucesso em Pedrouços* — Lisboa, 1906."

"*Noticia da chafariz de Pedrouços* — Lisboa, 1907."

"*Roteiro de Pedrouços* — Lisboa, 1908."

Etc, etc.

A fórmula porque tem sido apreciado, não só em Portugal, mas também no estrangeiro, conquistando um logor de destaque entre os nomes notáveis que teem merecido direito a uma elogiosa referêncía, prova-o bem as biografias que se teem escrito sobre a sua personalidade, como no "Dictionnaire Biographique International des Ecrivains, des Artistes, des Membres des Societés Savants", no trabalho de Louis Franch, que o criticou e apreciou no seu estudo: "Biographie de François Simon Ratolla", bem como em outros publicações e revistas várias.



VILA REAL—Vista parcial da cidade, vendo-se num alto e á direita o aprazível lugar do Calvario com a sua capela, donde se disfructam magnificas vistas

PÁGINA DE  
TRÁS  
-OS-  
MONTES  
ATUALIDADES  
GRÁFICAS

## UM MONUMENTO A CAMILO CASTELO BRANCO EM VILA REAL

**M**UITO brevemente será inaugurado em Vila Real, na Avenida principal do jardim publico, um monumento á memória do grande romancista.

A nossa gravura dá um trecho da formosa avenida.



VILA REAL—Avenida principal do Jardim Publico, onde vai ser erigido um monumento a Camilo



VILA REAL—O velho Convento de Santa Clara, que está sendo demolido

## A DEMOLIÇÃO DO CONVENTO DE SANTA CLARA, DE VILA REAL

**P**ARA dar lugar á construção do edificio destinado á fundação do seminário de Vila Real, está sendo demolido o velho Convento de Santa Clara, do qual damos um aspecto na presente gravura.

(Fotografias do Sr. Miguel Monteiro)

# AMOR OCULTO!...

## CONTO REGIONAL

ERA a mais nova das filhas do fazendeiro, a Leonor. Folhagem que o vento bate, a sua alma tinha a transparência do ar que nas altas serranias refrigera as ondas de calor que do solo se elevam até ás cumiadas em manchas de poeira espessa que o sol adensa envolvendo de luz mal definida.

Flôr de pureza que as paredes brancas do casal modesto haviam visto nascer, cresceram-lhe o corpo e o pensamento debaixo das travessuras robustas que o vento embalava sacudia, quando nas noites de inverno anda a espalhar a sua rude impaciência por toda a parte, desfolhando as silvas frágeis e atirando para os valados os ramos dos pinheiros vigorosos e esguios. Fazia bem aos olhos e á alma a humildade festiva da pequena casinha aldeã, com o seu alpendre voltado ao nascente em cuja parede do fundo e sobre a porta almofadada de castanho sorria para os que ali passavam um registo de S. Roque completo nos seus acessórios milagreiros e a que não faltava o simbolismo que a iconografia regista nos seus apontamentos dispersos pelas livrarias conventuais.

A estrada mal empedrada corria por ali, banhando, como se fôra um rio, a cabouçagem gredenta e areiosa que servia de alicerce á casa assejada onde já duas gerações de camponeses haviam gasto a vida, alheios das contradições de todos os dias e preocupados só no amanho das terras produtivas que cercavam o casal e a quem não falecia a ância criadora de dar aos seus habitantes o bastante para o sustento dum lar tranquilo que podia festejar com certa abundância os santos de maior devoção e a quem era dado ainda receber pelo Natal os parentes de longe, que a êle acorriam confiados no bom recebimento e engodados nos doces caseiros que as mãos femininas da vivenda rústica preparavam para encher os pratos e travessas que a louçaria daquelas regiões imaginara no segredo da sua cozedura e nas côres dos seus enfeites.

Cá fóra, pela horta vicejante, diluía-se pela vegetação o verde que se abria em copiosas gradações quasi imperceptíveis, mordendo as secas plantas a morrer de tédio, porque a água das regas nem sempre lhes acudia nas horas de calmaria ardente. Pequenos montes de sardinheiras latejantes de vermelho, espreitavam as aves inquietas que nos ramos das cerejeiras saltitavam como se a alma cantasse exuberância dos frutos e a limpidez dos riachos serenos.

\*

A Leonor adoecera ha dias; as vigílias longas tinham-na assaltado, os olhos de súbito haviam tomado um brilho amorteado, que nem o clarão da inteligência acordava em florações de luz. Sulcos profundos riscaram-lhe as faces duma melancolia de condenada a uma doença próxima. A colmeia que os seus lábios tinham ao entreabri-se, fugira veloz, como se temesse o encontro com a palidez da anemia apressada. E a doença minava-a, triturando a alegria moça que o seu rosto não podia ocultar. De ha dias a fadiga entrara no seu corpo e era um mau preságio, porque nas suas mãos finas mas nervosas não podia demorar já, desde que o sol nascia até que se sumia no oriente, a foice devastadora da vida das ceiras loiras que o sol de julho alagava de luz, num beijo quente de volúpia!

Começava a dar cuidados a rapariga: aos pais, que a

babujavam de carinho; ás flôres, que a sua mão previdente regava, e até á população pachorrenha da capoeira, que não tinha a horas certas as suas refeições apetitosas!

Interessavam-se todos por ela. Parentes que a casa frequentavam só pelo S. Martinho, traziam-lhe agora a miudo receitas de curandeiros acreditados. A fidalga do «Barroso», quinta armoriada que branquejava junto á serra, a quatro léguas de distância, vinha visita-la um dia sim outro não, com um farnel de geleias e doces de calda, acondicionado sob os assentos já sem tinta do seu trem de serviço; e as mulas gôrdas que faziam o percurso, de tanto se habituaram a êle, lambiam as mãos rudes do pai de Leonor, porque êle se apressava a esperar a meo do caminho a solarenga generosa a quem os pergaminhos de sete séculos não punham estôrvo á dádiva que em três dias da semana penetrava como uma benção no casal remediado.

Os dias passavam e a doença sentia-se á vontade, naquele corpo de mulher já débil e a reduzir-se, num torpôr sinistro

Desembaraçado o seu coração de amores, nem sequer essa preocupação lhe animava o organismo, outróra tão resistente e agora a desaparecer como se a morte teimasse em não descravar de sobre êle os seus olhos de abutre!

\*

Morreu a Leonor quando a folhagem dos olmeiros caía também para a terra e enquanto a primavera não vinha a acordar a vida das florestas e a derrubar mais algumas existências que do outono haviam ficado aguardando a hora última!

Nos campos em volta parecia que tudo adormecera de dôr. As aves ou não cantavam, ou cantavam tristemente. Naquela casa humilde morrera também a felicidade.

Num domingo triste de Fevereiro, os velhos lá foram ao pequeno cemitério, aspergir a sua dôr na cova florida que aconchegava os restos da filha unica. Tinham sido colhidas as melhores flores dos canteiros do quintal da vivenda. O sol escondera-se também e a estrada que conduzia á morada dos mortos, parecia, na sua meia escuridade, chorar a grande dôr dos pobres velhos.

Já eles entravam o portão que pela noite alta fechava, aos que dormiam, o convívio com os que esperavam também a sua vez, quando lhes pareceu que um vulto de homem se inclinava em atitude de chorar, sobre a sepultura da filha.

Não se enganavam. Afrouxaram o passo para que melhor vissem e mais de perto sentirem palpitar o coração que com eles chorava também.

Mas esse rapaz que o sol, que apparecia durante uns minutos, beijava numa carícia de saudade, era para eles um desconhecido.

E viram que ele soluçava num estranhamento de voz que mal o deixava balbuciar estas palavras soltas:

— «Amava-a... e nunca lh'o disse!»

Dos olhos pisados dos bons velhos, uma lagrima mais pesada, rolou cristalina sobre um lírio que se debruçava para a cova humilde. E o lírio mais se curvou ainda, como se a dôr daquelas trez alma o penetrasse também!

(Inédito)

NOGUEIRA DE BRITO



POR D. BRANCA LOPES

o

**N**O teatro Águia de Ouro, ante um numeroso público, realizou o dr. Leonardo Coimbra uma brilhantíssima conferência sobre o tema «A personalidade espiritual de Junqueiro».

As idéas expendidas pelo sr. Antero de Figueiredo, numa anterior conferência, em que os admiradores do poeta o viram apucado, levaram-os a organizar uma sessão de homenagem a este grande espirito, que com Antero de Quental tanto engrandeceu uma das épocas mais vivas da nossa literatura.

O brilhante orador soube revelar-nos novos horizontes, na obra do poeta, mantendo-se sempre num ambiente de elevada e pura crítica.

\*

A recente exposição de cristais de Lalique, a que por falta de espaço não nos referimos, como prometêramos, no número anterior, pôde considerar-se como um eco fugaz da exposição de Artes Decorativas, de Paris, onde no Pavilhão Lalique figuravam, entre tantas outras obras de arte, muitas das peças aqui expostas.

Em França, Le Goupy, Jean Sala... e sobretudo Lalique, teem erguido ás culminâncias de uma verdadeira arte, a escultura em vidro. A técnica geralmente seguida consiste em esculpir em cêra o original, que é depois moldado, vasando-se no molde a pasta em fusão.

A escultura e gravura em vidro é em França a revivência de uma arte tradicional da antiga Gália.

Especimens encontrados em excavações arqueológicas, mostram-nos como a perfeição do fabrico se harmonizava com a concepção original do artista, que obtinha já do vidro efeitos de colorido surpreendentes.

Os cristais — bibelots graciosos, a par de verdadeiras

## Uma conferência sobre Junqueiro — A exposição de cristais de Lalique

peças de museu, — dispunham-se sobre móveis antigos e mais realçavam, pelo seu efeito decorativo, entre a preciosa baixela da ourivesaria Miranda.

Um mundo fantástico vive nas criações de Lalique. Naiades, sereias, quimeras, grifos sorriam galpantes, ao seu apêlo inspirado de «poeta do vidro».

Nas jarras monumentais, surgiam do mar as ondinas ou ensaiavam as ninfas, como num friso grego, uma dança rítmica. Aves e borboletas debatiam-se sobre o vidro luminoso, rutilante das taças, e flôres minúsculas pareciam emergir da água nas ânforas de cristal.

Entre as estatuetas de uma beleza que a estatuária antiga não regeitaria, algumas curvavam o busto em atitude de desalento. Alguem as desdenhara — mil, mil e quinhentos escudos...; por uma cabeça de fauno — quatrocentos!

Outras, nostálgicas da bela Fonte Monumental onde figuravam, fitavam-nos numa interrogação ansiosa. Muitos se avizinhavam na esperança de resgata-las. Vã ilusão! Ao extase sucedia a renúncia. — Dois mil, dois mil e quinhentos escudos...

— Paris! Paris! Quantas das suas irmãs seriam o peregrino enlêvo de seus donos opulentos! Só para elas não cessaria o suplicio de se exibirem numa terra bárbara!

A seu turno, os candelabros de vidro fôcco, onde mal se esboçavam flôres estranhas, só condescenderiam em alumiar ricos salões, com a sua luz branca e fria. E não seria outro o destino das «veilleuses» côr de âmbar e verde-alga que espargiam sobre os tremós uma luz deliquiscente.

Mas quantos viviam ainda, para quem nunca seria excessiva prodigalidade, trocar papel, muito papel, de igual fragilidade e leveza, pelos belos e esquivos cristais Lalique!...

BRANCA LOPES

## A "ALMA NOVA" EM BRAGA

### REUNIÃO DE CURSO

O curso do 7.º ano, de 1920-21 (Letras e Ciências), do Liceu de Braga, reunido em festa íntima, no dia 11 do próximo passado, teve a gentileza de enviarnos, com a presente fotografia, as suas saudações entusiásticas pelo programa patriótico e de modernização estética a que nos vimos dedicando.

A's suas boas palavras e ao oferecimento dos seus esforços em prol da expansão da "Alma Nova" no Minho, os nossos leais agradecimentos.

: o



SENTADOS: Srs. Alexandre Magalhães, Carlos Lobo, José Belchior Junior, D. Joaquina Almeida, Anténio Fernandes, Mateus de Macedo e Valdemar Belchior. DE PÉ: Srs. José Vilaça, Domingos Casimiro, José Seara, José Souto, Honoré Cunha, Horácio Cunha, Manuel Martins e João Pimenta

(Fot. Beleza-Braga)

GARANTE SE O EXITO DA PUBLICIDADE  
DA "ALMA NOVA"  
REMETA UM ANÚNCIO Á EXPERIÊNCIA

## EXTENSÃO UNIVERSITARIA

UMA EXCURSÃO DE COIMBRA  
EM ESTUDO AGRÍCOLA E FLORESTAL

**P**ASSOU por Lisboa, na quinzena finda, a excursão de alunos e diplomados dos vários cursos da Universidade de Coimbra, que em missão de estudo percorreram as principais escolas e centros agrícolas e florestais do país, acompanhados e dirigidos pelo incansável organizador da referida excursão, sr. dr. Luís W. Carriso, professor da Faculdade de Ciências daquela Universidade e director do Instituto de Botânica Dr. Julio Henriques.

Num dos próximos números teremos o prazer de dar mais amplas informações sobre esta excursão, que pudémos acom-



O professor sr. dr. Luís W. Carriso, organizador da excursão de Coimbra, com o sr. dr. José de Almeida, professor do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, e os dois assistentes que os acompanharam, drs. F. d'Ascensão Mendonça (á direita), e Adriano Goncalves do Cunha (ó esquerdo).

panhar em vários pontos do Alentejo, por amável convite do seu ilustre organizador.

## UMA NOTAVEL PINTORA



D. EDUARDA LAPA

que tão brilhantemente se afirmou, com a sua exposição de jorte, reolizada durante a quinzena finda, no Salão Bobone, é um dos nossos melhores pinceis femininos.

Os anúncios da «ALMA NOVA» são os mais económicos e os mais úteis, porque chegam a todos os recantos do País, Ilhas e Colónias.

## A MORTE DO ESTUDANTE MARTIM CORREIA (ASSECA), NO TUNEL DO ROSSIO

**U**M trágico acontecimento acaba de enlutar uma das mais ilustres famílias da nossa aristocracia. Martim Correia de Sá, de 16 anos, filho mais novo do sr. Salvador Correia de Sá e da sr.<sup>a</sup> D. Carolina Correia de Sá, viscondes de Asseca, foi encontrado, no dia 14 do mês último, por um grupo de operários que procediam ás reparações no tunel do Rossio, prostrado ao lado da via e mal articulando ainda algumas palavras.

Levado imediatamente para o Hospital, pouco sobreviveu. Supoz-se a princípio que tivesse havido qualquer misterioso crime, por o desventurado estudante haver dito aos operarios que fôra empurrado quando seguia no comboio. Tal hipotese não subsistiu, porém.

O desventurado Martim, que estava a educar no colégio dos padres portugueses da Companhia de Jesus, em La Guardia, tinha vindo passar as férias da Páscoa com seus pais.

A 'Alma Nova' apresenta sentimentos á enlutada familia.



MARTIM CORREIA DE SA  
AOS 12 ANOS

NOVELA REGIONAL  
O PROFETA DO OUTEIRO

(CONCLUSÃO)

... Lá mais abaixo, o vale do Mondego, onde mirradas luzes de azeite davam sinais de vida quieta na escuridão dos moinhos, era uma denegrida cova sem fundo, formando com a densa treva do infinito um conjunto de horror e de mistério. O inverno trouxera ali todas as bôcas escancaradas do abismo, arrepiando as gentes, tingindo de negro, pesadamente, os campos. E o povo resava alto, desferindo clamores de angústia que buscavam os ouvidos calafetados da Providência. Trevas infernais enscenavam os longes indefinidos da paisagem.

De repente, quando a noite vergava as serranias e os vales aos precipícios de um silêncio de morte, começam a desenhar-se nos ares insistentes varetas de luz,—brincadeiras de anjos no átrio incomensurável do espaço.

Das frestas dos telhados lobrigavam-se rastros de claridade brilhante, que sucumbiam num deslize quasi imperceptível.

No tópo abençoado do seu profético outeiro, o padre Bento fazia as suas orações, junto aos parentes e amigos, enquanto o povo dócil das cercanias sublinhava de ternuras e descuidos as perturbantes fosforescências do Infinito. Havia um aspecto de isolamento propositado naquelas reuniões santificadas, onde a palavra divina soava a todos os ouvidos, transportando as almas aos confins inatingíveis da felicidade harmónica. As ventanias, que talaram os campos e arcabuzaram as vivendas, tinham-se desviado para as trazeiras da Estrêla. A cerração, porém, era densa como a das noites tempestuosas. Ao desbocar da luz que se cruzava nos ares, repetidamente, começavam a sentir-se rumores longínquos, terrificando os corações da gente simples. O espaço imenso era sulcado, de minuto a minuto, por novos clarões fugazes, que produziam um espectáculo sobêrbo de movimento e ansiedade. Mas os surdos rumores de há pouco tornavam-se mais vivos, anunciando uma trovoadas como nunca fôra sentida em todas as terras chegadas ao Mondego e postas sob a guarda protectora de tantas virgens e santas que não é possível relacioná-las com segurança. O céu relâmpagueava em quatro pontos distintos, semelhante um extenso campo de batalha, de forças alinhadas em quadrado guerreiro, disparando um eterno fogo de morte. A cada estrondo que abalava a terra e compungia as almas do povo, ouviam-se gritos de dôr, acompanhados destas palavras de fé:

«Santa Bárbara bendita,  
que no céu estais inscrita,  
entre cruzeiros e água benta,  
livrai-nos desta tormenta».

Começavam a queimar-se, nas lareiras, os secos troviscos defensores, mas a luz do céu era cada vez mais fulgurante, irradiando para os campos em golpes que produziam manchas bruscas de noites luarentas.

— «Magnífica! Magnífica!» — eis o clamor com que o povo aterrorizado recebia as guinadas barulhentas do céu. Choramingavam as crianças, tranzidas de medo, envolvendo-se nas dobras das saias maternas, para fugirem ao dramático cenário do Infinito.

Num instante, um clarão mais longo espalhou-se pelo Espaço, fartando de luz a terra campesina, seguido de um estrondo só comparável á mais tétrica descarga de artilharia mortífera.

— «Abram as portas e as janelas. Não se deve fechar a casa a Nosso Senhor!» — bradava o povo em altos gritos,

apertado de horrores, nas aldeias vizinhas do outeiro onde o padre Bento, aterrado também, pedia a calma do céu, em nervosos clamores de orações intermináveis.

A fúria do espaço abrandou em seguida, levando aos povos, ainda trementes de angústia, a calma implorada por todas as almas religiosas.

Uma desgraça, porém, deveria ter caído para os lados do Outeiro, pois que um filete de luz mais viva acompanhara os rancos ensurdecedores do trovão fatal.

— «O que seria? Vamos vêr o sr. padre Bento! — concertavam os povos. E uma procissão se organizou rapidamente, dirigindo-se para o Outeiro das trágicas profecias.

Quando os fieis assomaram ao tópo, um pavoroso incêndio, de labaredas fulminantes, invadia a pocilga do casal rebelde.

O padre Bento, a sua família e os vizinhos prestavam os primeiros socorros ás vítimas dos coriscos, que haviam lambido, como anátemas do céu, os débeis tectos daquela família de réprobos. Alguns filhos mortos, outros feridos gravemente. A casa do padre Bento foi arvorada, a um tempo, em modesto hospital e em lúgubre câmara ardente. O povo, fiel ás regras divinas, boquiaberto, sem proferir palavra, benzia-se repetidas vezes, consternado e dorido, ante espectáculo tão pavoroso.

— «Vê-de agora, irmãos, — clama o padre Bento — este quadro de angústias: Uma casa a arder, algumas inocentes crianças prostradas no sofrimento atrás, um ninho de víboras desmantelado. O pai, bêbado ainda, ambulante garrafão de vinho, horrorizado, anda a correr pelos campos como doido. A mãe torce-se de amargura, na presença destes corpos que espreitam a morte,—pratos apetitosos para o feroz banquete dos vermes. Amanhã, quando o sol banhar de luz a terra inteira, vereis a minha casa intacta, liberta já da excomunhão que a perseguia das bandas daquêle covil em chamas. É excusada qualquer tentativa de extinção. Aquilo que Deus ordena aceita-se resignadamente. Só assim ganharemos o Paraizo. Porque razão se produziu esta catástrofe? Não é vingativo o Altíssimo, nem as suas lições trazem a marca do ódio, só próprio dos homens. Apesar disso, de tempos a tempos, resolve a Providência dar sinais da sua eterna justiça, anunciando o horror das penas do Inferno aquêles que passam a vida injuriando o seu nome. Este casal vivia de pecados, distribuindo exemplos da sua malvadez a todo o povo boiadoso. Era o conto do diabo na terra. Os coriscos que acabam de atingi-lo, foram simples lâmpadas do Inferno, uma pequena mostra do que serão as penas eternas, se não tomardes todos uma vida mais sã. Mas Deus, se é rigoroso e sereno nas sentenças, é também misericordioso ante as desgraças alheias. Aqui estou eu a consolar esta gente, a prestar-lhe os meus auxílios, a recebê-la na minha casa, a tratá-la carinhosamente. Quando ela andava desviada do bom caminho, eu não lhe dirigia a palavra, nem sequer retribuía a salvação que me dava. Agora, que a desgraça a atingiu, faço-lhe tudo quanto posso, por ordem de Deus.

«Quando se erguerem de novo aquelas paredes, com novos tectos e novos sobrados, vereis como o demónio abandonou as almas dos réprobos, entregando-as a quem de direito, que é a Divina Providência. Infelizes das vítimas imoladas ao resgate dos homens. Cristo morreu também por nós, numa cruz. Rezemos todos por alma dos que morreram e pela saúde rápida dos que sofrem.

— «Pater noster...» AFONSO CORREIA

# BARCELOS

## A FESTA DAS CRUZES

**B**ARCELOS, a antiquíssima vila minhota, uma das mais formosas da linda província do extremo norte, mantém, numa tradição interessante, a célebre "Festa das Cruzes".

Assente na margem direita do Cávado, esta vila parece ter sido fundada por barcinos (povos cartagineses), pelos romanos, ou pelos galos-celtas (pois há divergências entre os historiadores). O seu primeiro nome foi Barracelos (talvez corrupção de 'Barra Celani' ou de 'Barra Celi'—barca de transportes no rio Celeno hoje Cávado), e, como quasi todas as formosas vilas de Portugal, tem a sua lenda.

A primitiva povoação, destruída pelas guerras dos gó-dos, suevos, vândalos, alamos e árabes, foi reedificada em 1140 por D. Afonso Henriques, que lhe deu foral, confirmado por D. Sancho I em 1208 e renovado por D. Manuel em 1515.

Barcelos foi a primeira terra de Portugal elevada a con-dado, depois da constituição da Monarquia.

Criou-o D. Diniz, em 1298, e deu-o ao seu mordomo-mór D. João Afonso Telo de Menezes.

Foi oitavo Conde de Barcelos o célebre condestável D. Nuño Alvares Pereira, companheiro dilecto do Mestre de Aviz.

Muitos nomes da ínclita geração, nobres infantes, se ligam á vila de Barcelos, dando-lhe por isso consideravel importancia histórica. Da fé do seu povo, é exemplo a inter-ressante lenda religiosa, que há tantos séculos se mantém e que nos primeiros dias de Maio se recorda na célebre "Festa das Cruzes".

Começou assim, a curiosa lenda :

No ano de 1500, medonha tempestade caíu sôbre Bar-celos, vindo os raios, em zigue-zagues, cravar-se no vasto terreno, hoje chamado Campo da Feira.

O povo horrorizado suplicava, em altos brados, a pro-tecção divina e caía de joelhos, em fervorosa prece.

Não se fez esperar a bonança. O espírito divino ouvi-ra-os e dando graças a Deus, todos ergueram então seus olhos ao Céu. Quando os baixaram sôbre a terra, ainda vermelha, viram, nitidamente desenhada, uma grande cruz negra. Curvaram-se mais, e, a soluçar de gratidão, beija-ram o divino sinal.

Milagre! Havia sido milagre!

Uma ermida, ali foi então edificada com o nome de Santa Cruz e de toda a província ali vieram romeiros pe-dir remedio para as suas máguas.

Entre êsses romeiros, um mercador natural da vila e recenhegado da Flandres trouxe consigo uma bela imagem de Cristo curvada ao pezo da cruz, imagem que, quasi tam-bém por milagre poudo entrar pela pequena porta da er-mida de Santa Cruz.

Diz Severim de Faria, no seu «Promptuário Espiritual», que depois da aparição da primeira cruz, outras appare-ram em volta da ermida, hoje transformada numa bela igreja, da denominação do Senhor, ou de Bom Jesus da Cruz.

E' essa adoravel lenda, êsse milagre das cruzes, que Barcelos comemóra, de há séculos, duas vezes por ano, em Setembro, no dia da Exaltação da Cruz, e em 3 de Maio.

A desta última data tem maior affluência de devotos e de forasteiros, pela amenidade da épcca.

O Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, na sua «História de Braga», quando se refere ao milagre das cruzes na vila de Barcelos, diz que o Senhor quiz honrar a nossa pátria com êsse milagroso sinal, como já a Portugal déra o titulo de Reino, aparecendo no Céu, pregado na cruz, a D. Afonso Henriques, na batalha de Ourique.

Assim cremos também.

Lendas religiosas da nossa terra, como sois lindas e como dais ainda ao nosso povo uma grande fé nos seus des-tinos!

RAFAEL FERREIRA



**A AMERICANA, L. DA**  
FABRICA ELECTRO-MECHANICA  
DE  
CONFEITARIA E PASTELARIA  
—  
FORNECE AMENDOAS, MARMELADA,  
REBUÇADOS E TODAS AS  
QUALIDADES DE DOÇERIAS  
—  
FABRICO ISMERADO

**GODINHO CABRAL**

ADVOGADO

RUA DO CARMO, 69, 1.º, E.

TELEFONE C. 2649

**GARAGE MONUMENTAL, L. DA**

AVENIDA ALVARES CABRAL (AO RATO)

TELEFONE NORTE 4949

MAGNIFICAS INSTALAÇÕES PARA

RECOLHA DE CARROS COM PESSOAL

— HABILITADO PARA LAVAGENS —

PREÇOS MODICOS

VENDA DE OLEOS E GAZOLINA

PREFIRAM AS TINTAS **INDIANA**  
RIVALISAM COM AS ESTRANGEIRAS

AS COLAS E LACRES «ALEXANDER»

:: :: SÃO OS MELHORES :: ::

TINTAS PARA COPIOGRAFOS E MARCAR  
ROUPA EM TODAS AS CORES

**MENDES PEREIRA & F.º, L. DA**

CAMPO GRANDE, 243-TELEF. CAMPO GRANDE 1

:: LISBOA ::

# ANTERO DE QUENTAL

## I—A SUA VIDA

*Nascimento de Antero. Os primeiros estudos no Collegio do Pórtico Em Coimbra. Fases por que passou Antero. De crente a metafísico. A Idéa Nova. Da fundação da Associação secreta O Raio, a Presidente da Liga Patriótica do Norte Tipografo. Socialista Terceiro regresso a São Miguel. Incompatibilidade com a vida. Suicídio. Lição de Beleza moral. Do Palacio Encantado da Ilusão á mão direita de Deus*

**ANTERO TARQUINIO DE QUENTAL**, nasceu na Ilha de São Miguel (Açores), em 18 de Abril de 1842, tendo-se suicidado na mesma Ilha, no dia 11 de Setembro de 1891.

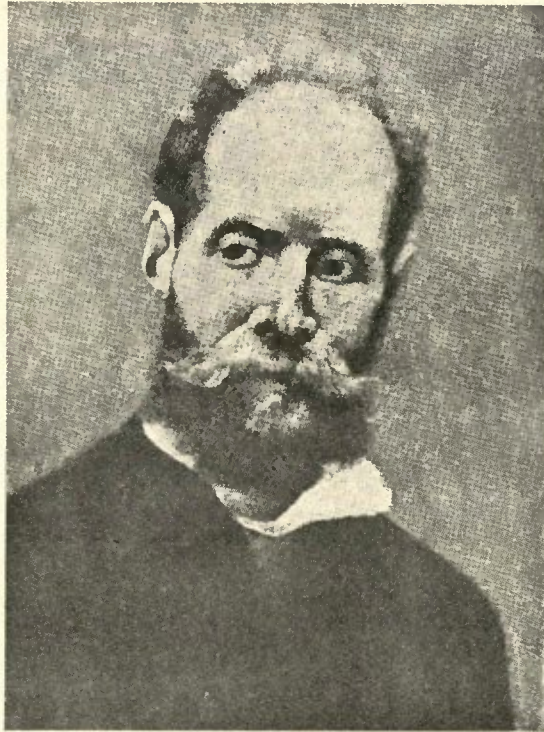
Segundo filho do morgado Fernando de Quental e de D. Ana Guilhermina da Maia, senhora bastante religiosa, Antero tinha dez anos quando começou a frequentar como aluno interno o Collegio do Pórtico, que Antonio Feliciano de Castilho havia fundado.

Dois anos depois, em 1854, tendo o autor de A Primavera acabado com o citado estabelecimento de ensino, visto ter de partir para o Brasil em missão de propaganda do seu Metodo Repentino, Antero passou a residir em Coimbra, onde, não longe da vista de seu tio paterno, Dr. Filipe de Quental, lente de medicina, recomeçou os seus estudos no Collegio de São Bento.

Volidos alguns anos, em que desapareceram quasi que por completo os vestigios da educação catolica que recebera na infancia, Antero (que era, até então, dócil e contemplativo) deixou se seduzir pelas perigosas teorias da metafísica.

Tendo a cruel semente do mal e da duvida germinado no seu cerebro, não admira que a velha Universidade de Coimbra, com os seus dogmaticos professores, a par das leituras variadas e desecontradas a que Antero se entregava, longe de lhe terem retemperado os nervos abalados e apaziguado a alma e o espirito, antes o levassem a alistar-se nas aguerridas hostes revolucionarias, proclamadoras das Idéas Novas.

Tornando-se, a partir desse momento, rebelde e impenitente, mal temendo a Deus e aos homens, fundou na cidade do Mondego a associação secreta O Raio, composta por cerca de tresentos estudantes; e proseguindo na ardua tarefa de que mais tarde se viu a arreperder, publicou em 1865 as Odes Modernas, qu' tanto brado deram; em 1866 notabilizou-se na Questão Coimbra; em 1871 organizou as celebres Conferencias democraticas do Casino Lisbonense, interrompidos abruptamente por



ANTERO DE QUENTAL,

o insigne poeta e grande pensador, a quem Lisboa acaba de prestar uma justa homenagem, elevando-lhe um monumento no jardim da Estrela, cuja primeira pedra foi assente em 18 do mês findo, data do seu aniversário natalicio

ordem do governo; e, finalmente, em 1890, presidiu á Liga Patriótica do Norte, o ultimo baluarte das suas illusões desfeitas.

Amando os pobres e os oprinuidos, mais do que os codigos— Antero era formado em direito—, fez-se socialista, mas daquelles que, á palavra, juntam o exemplo.

Partindo para Paris, ali exerceu por pouco tempo, devido ao seu estado de saude, que era precário, o mister de tipografo.

Sempre coerente com os seus principios elevados e puros, entregou-se, de 1870 a 1874, com José Fontana, á missão de socialisar o povo português.

Nessa ordem de idéas, fundou com o mesmo uma succursal da Associação Internacional dos Trabalhadores, cuja causa advogou em diversos jornais.

Mais tarde, em 1891, doente, desiludido, gasto e cansado, a exemplo do que havia feito em 1868 e 1871, abandonando Vila do Conde, onde residiu dez anos, regressou á sua terra natal, na esperança de alcançar melhoras.

Mas já completamente incompatibilizado com a vida e esquecido das tendencias misticas de seus antepassados, entre os quais se contam o padre Bartolomeu de Quental, fundador da Congregação do Oratorio em Portugal e autor de varios livros religiosos, vacilando, como Canillo, na fé catolica, não obstante haver escrito o magistral soneto A Virgem Santíssima, Antero não duvidou pôr termo á sua preciosissima existência, na mesma praça pública em que passou, em criança, horas alegres e descuidadas.

Bom, leal e altruista, a vida do primoroso poeta constitue, não obstante graves erros e incoerencias, que só a elle mesmo prejudicaram, um grande exemplo de belesa moral.

Por isso consola recordar o nome de Antero nestes tempos do mais vil utilitarismo, em que a moeda desvalorisadissima corre parellhas com tantos caractéres falhados.

Oxalá que a vontade do Poeta, expressa no seu formosissimo soneto, Na Mão de Deus, se haja cunprido e que, o seu coração, finalmente liberto do Palacio Encantado da Ilusão, durma na mão de Deus, na sua mão direita, eternamente, para sossego da sua alma sempre atribulada.

NUNO CATARINO CARDOSO

(Do Livro "ANTERO DE QUENTAL", o sair)

# PÁGINA DAS COLÓNIAS

## ANGOLA

### O ALVOR DA NOSSA RAÇA NO GRANDE TERRITÓRIO



JÁ lá vão quatro séculos e meio, quasi, que os nautas do glorioso cavaleiro de El-Rei Principe Perfeito, que a História conhece pelo nome pouco eufónico de Diogo Cão, assomaram contentes às margens do grande rio Zaire. Foi em 1482, e não em 1484, como se infere da carta régia com que o recompensou D. João II, que este intrépido navegador chegou à ponta sul do largo estuário, «mais notavel e illustre por aguas, que por nome», como diz a Decada I de Barros, e em suas terras, dominando, atestando o nome da nossa Pátria, mandou erguer o padrao de S. Jorge — santo da devoção do monarca. Depois, a descoberta da costa para o sul foi a tarefa realizada, e dela contamos hoje ainda a existencia invejavel da portentosa Angola.

Após a descoberta segue-se a conquista; à conquista, a colonização. Vimos falar agora, levemente, em rápido bosquejo, do alvoro da nossa Raça no grande território. O primeiro serviço que Diogo Cão nos prestou, foi o entendimento com o Rei do Congo, poderoso monarca negro, que se considerou vassallo e aliado de Portugal. Não tendo talvez a importância que lhe atribuíram os nossos exploradores desse tempo, o império do Congo, era, todavia, de certo respeito e valia, para o início da nossa tarefa na Africa tropical, pois D. João III, mais tarde, dava ouvidos às reclamações que o Rei negro lhe fazia, quanto ao desvio do tráfico do Zaire para Loanda, causado pelos armadores da Ilha de S. Tomé. Por intermédio da nossa acção no Congo, a Europa tomou conhecimento embora em embrião, do mysterio do grande continente, acreditando-se, sem dúvida, que fomos nós quem apontou primeiro os grandes lagos do «interland», e acreditando-se que fomos nós, também quem esboçou, sem alardes, a hidrografia africana. Duarte Lopes, que viveu no século XVI e que permaneceu durante 12 anos no Congo, com certeza deu lições a Stanley, o arrojado caminheiro da travessia africana dos últimos cem anos. E' ler-se o que diz Pigafetta, no livro das viagens do nosso explorador, que em 1591 publicou em Roma. Mas não foi só sob o objectivo scientifico, que nós marcamos nas luminosas e quentes paragens do Congo, foi também pela acção dos nossos missionários, que a par da divulgação da fé cristã, iniciaram o primeiro comércio, sempre poderoso meio de civilização em todos os tempos. Da acção religiosa fixaram as crónicas, o nome de Caçuta, que conjuntamente com os seus comp unheiros congueses, foram do Congo a Portugal, e receberam baptismo em Beja. Do início do comércio, dá-nos sinal o motivo porque

o Rei Piedoso mandou a Paulo Dias de Novais conferenciar com o Rei de Angola, levando poderes de embaixada para resolver certas questões.

E não foi daqui, deste acto pacífico e diplomático do neto do navegador do Tormentório, que começou a epopeia angolana? Paulo de Novais, com noticias, regressou a Lisboa, a dar boa conta do seu mandato, e em 1575 voltou novamente, abordando á Ilha de Loanda, investido já das altas funções de conquistador, povoador, primeiro governador e capitão-mór. De então para cá, quantas glórias tem honrado a nossa tarefa de Angola!

A ubérrima Província, detentora de três férteis planaltos de clima sadio; com seis mil e seiscentos quilómetros de costa; com seus importantes e principais portos de Loanda, Lobito e Mossâmedes; com os rios Zaire, Quanza, Cunene, Cuando, Cassai, Lucala, Bengo, Dande, Loge, até certo ponto navegáveis, e com três vias férreas de penetração — a de Malange, a de Benguela e a de Huíla —, deverá ser, nos tempos próximos, o celeiro esplêndido da Metrópole, o farto campo dos abastecimentos dos gastos continentais. E se o não é já hoje, — razão do grande desequilíbrio económico que vae pelo mundo, apesar de vivermos numa luta constante de séculos, espalhando por ela a nossa colonização — não tardará, contudo, que as suas possibilidades entrem no caminho das realizações plenas, mercê da autonomia financeira e da descentralização administrativa que o regime dos Altos Comissários impõe. A tremenda crise, tocada de vários aspectos, que por ela passa, há de ser subjugada, a despeito dos «miséreses» dos isafas da Raça profetizarem noites negras, quiçá absorções... A tremenda crise que retarda, é certo, neste momento o progresso da Província, há-de ser vencida dentro de breve tempo; mas, para que assim seja, urge que a lágrima não embacie o cristal dos olhos, que bem claro deve andar para que se vejam e evitem as aspirações de hiena que a rodeiam.

Angola deve merecer-nos, pois, e agora muito mais do que nunca, todo o nosso amor e todo o nosso carinho; porque a sua terra admirável é a capital razão de ser da nossa obra futura; porque é ela que dá por si só, em maior quinhão, o nome de império ás nossas regiões de além-mar, porque é ela, enfim, a pedra de toque do nosso valor colonial, e, sobretudo, a mais portuguesa de quantas terras possuímos esparsas pelo mundo.

Angola deve merecer-nos, pois, e agora muito mais do que nunca, todo o nosso amor e todo o nosso carinho; porque a sua terra admirável é a capital razão de ser da nossa obra futura; porque é ela que dá por si só, em maior quinhão, o nome de império ás nossas regiões de além-mar, porque é ela, enfim, a pedra de toque do nosso valor colonial, e, sobretudo, a mais portuguesa de quantas terras possuímos esparsas pelo mundo.



Tenente SIMEÃO VICTORIA  
Professor do Liceu de Loanda e nosso representante em Angola

Loanda, Novembro de 1925

SIMEÃO VICTORIA

# M O D A E E L E G A N C I A S OS CABELOS CORTADOS E A SUA HISTÓRIA

A' primeira vista parecerá estranho que os cabelos cortados também tenham história, mas é um facto, e senão acompanhe-nos o leitor, nesta nossa narração, rigorosamente verdadeira.

Corria o ano de 1512, e El-Rei D. Manuel I, o Venturoso, na sua enorme alegria, de querer comemorar as descobertas marítimas efectuadas no seu reinado, ofereceu um banquete aos embaixadores genovezes e aos cosmógrafos (1). Ao começar a ser servido o banquete, num prato de um dos embaixadores, appareceu, por acaso, uma porção de cabelos. El-Rei D. Manuel I ao ter conhecimento do caso, «ficou tomado de tam grande ira» que ordenou que todas as servas da côrte passassem a usar o cabelo cortado, e uma touca co'ocada na cabeça. E' nesta época que pela primeira vez vimos as mulheres de cabelos cortados. Pouco tempo depois era abolida a determinação desta ordem.

Durante a Edade média quasi todos os fidalgos usavam o cabelo rapado e cabeleira postica; e as fidalgas, depois de casarem, os cabelos empoados. Quando da 1.<sup>a</sup> Revolução Franceza, os cidadãos usavam todos o cabelo cortado,—cabeleirinhas, como as senhoras de hoje.

Por ocasião da Guerra Peninsular os officiaes ingleses que vieram a Portugal, usavam todos o cabelo cortado: à inglesa, curto ou comprido. Curto era para os soldados. Os nossos officiaes começaram a adotar o mesmo talhe de corte para eles; e, para os soldados, à escovinha.

(Continua)

CARLOS D'OLIVEIRA  
Gerente da *Pompadour*

(1) — Profissionais que elaboravam os cortes geograficos marítimas.

## CONSULTORIO

M.<sup>me</sup> LIMA — Lisboa — Para o seu cabelo obter a côr desejada deve empregar o «Henné l'Oreal Chatain Foucé».

DÓRIA — Leiria — Deve empregar o verniz, «Eclair», que é o melhor,

MARIETTE — Os cabelos ondulados ficam bonitos a todas as cabeças.

Toda a correspondencia referente a esta secção, deve ser dirigida á Redacção.

C. O.

# MENDONÇA, L.<sup>DA</sup>

## AVENIDA DA LIBERDADE, 119

TELEFONE NORTE 16

LISBOA

TELEGRAMAS: LIS-ALVA

COMPRAM E VENDEM PROPRIEDADES  
COLOCAÇÃO DE CAPITAL SOBRE HIPOTECAS E LETRAS

Leilões de mobílias em casas particulares  
casas commerciaes, oficinas e fabricas

TÊM SEMPRE A' VENDA MUITAS QUINTAS, MDRADIAS E PREDIOS COM ANDARES VAGOS

Serviço de taximetro (só de dia) em belos carros

PEDIR PELO TELEFONE NORTE 16

RESSURGIMENTO  
EDITORA

Calçada João do Rio, 8, 1.º

LISBOA

SANGUE D'EPOPEIA - A Artilharia Portuguesa na Flandres, por Mateus Moreno, len-ute de Artilharia, 1 vol. ....	4\$00
NA GUERRA E NA PAZ - SINFONIA MACABRA. Id., (3 ed).....	2\$00
MINHA PATRIA - Poema em 3 ivros e 3 jornadas, Id. id., 2.ª e 1.ª edição broch., 3\$00. cada livro.....	1\$00
CANTIGAS - (2.ª edição, por Rebelo de Bettencourt, com prefácio de Luiz Chaves, 1 vol. broch.....	2\$50
OPES DE ANACREONTE - por Luis Caetano Nunes.....	2\$50
CAMPANHAS CAMILIANAS - por Oldemiro César e Cruz Magalhães, 1 vol. broch. com ill. de Rafael Bordalo.....	5\$00
«ALMA NOVA» vol. 1, II e III da 3.ª série, cada, enc. 2\$500 br ch.....	1\$500
O INVEROSIMIL - Coterencia Proibida, original do insigne escritor e moralista Lorde Pechincha de Nadavale.....	2\$00
A EDUCAÇÃO MORAL - Pelos exercícios de redacção, (com a metodologia deste ensino), por José Guerreiro Murta, prolectivo dos liceus, recomendado pelo D. do Governo.....	4\$60
DA VERDADE, por João José Gomes.....	2\$50
EÇA OE QUEIROZ - «Revelado por uma illustre senhora de sua família» D. C. d'Eça de Melo.....	2\$50
CONIOS PARA CRIANÇAS, por D. Brancu Lopes Martins, com illustrações de Roberto Nobre (Ed. Maranus - Porto).....	8\$00
A ENTREVISTA por Cruz Magalhães, 1 op. ill.....	1\$00

A PUBLICAR:

O DESENHO E A MULHER, no labor artístico de Rafael Bordalo, por Saavedra Machado.  
A NOVA GUERRA, por Mateus Moreno.

DIREITO PORTUGUÊS  
E  
BRASILEIRO

M. GOMES DOS SANTOS  
ADVOGADO

Com Procuradoria  
no Brasil

R. DA VITÓRIA, 53, 3.º  
TELEFONE CENTRAL 3156  
LISBOA

LEIA  
SANGUE D'EPOPEIA

A ARTILHARIA PORTUGUESA  
NA FLANDRES  
POR

MATEUS MORENO

EDIÇÃO PROFUSAMENTE ILUSTRADA  
COM PREFÁCIO  
DO

Comandante Geral da Artilharia do  
C. E. P.

e Coronel Maia Pinta

COMANDANTE DO GRUPO, QUE FÊZ A  
ARRANCADA DA VITÓRIA  
Vl. B. 4\$00

“ALMA NOVA”

LEITURA AMENA  
E INSTRUCTIVA

1 E 15 DE CADA MÊS

PROFUSAMENTE ILUSTRADA COM FOTOGRAFIAS, CARICATURAS E DESENHOS, REFERINDO OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DA QUINZENA

EM TODOS OS NUMEROS  
ESTUDOS DE TODO O PAÍS

SENSACIONAIS  
REPORTAGENS  
GRÁFICAS

A MAIS  
ELEGANTE

A MAIS  
DIVULGADA

A MAIS  
MODERNA

A MAIS  
BARATA

DAS

REVISTAS PORTUGUÊSAS

ASSIGNATURAS  
CON INENTE E ILHAS:

TRIMESTRE . . . . . 8\$50  
SEMESTRE . . . . . 16\$00  
ANO . . . . . 30\$00

COLONIAS PORTUGUESAS:

SEMESTRE . . . . . 22\$00  
ANO . . . . . 40\$00

ESTRANGEIRO:

SEMESTRE . . . . . 30\$00  
ANO . . . . . 50\$00

(PAGAMENTO ADEANTADO)

NUMERO AVULSO 1\$50

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS  
263-R. DA ESCOLA POLITECNICA-267  
LISBOA

AOS NOSSOS AMIGOS  
LEITORES E ASSINANTES

A TODOS PEDIMOS A SUA COOPERAÇÃO. PARA FAZERMOS DA “ALMA NOVA” A GRANDE REVISTA DE QUESEPRE-CISA.

TUDO O QUE NOS OBTIVER 5 NOVOS ASSINANTES TERA' 50% DE DESCONTO NA SUA ASSINATURA, O QUE NOS OBTIVER 10, RECEBERA' 1 ASSINATURA GRATIS

TODOS OS ASSINANTES TÊM 20% NOS LIVROS EDITADOS PELA EMPRESA “ALMA NOVA”

ROYAL  
PHOTO

ATELIER

DE

ARTE PHOTOGRAFICA

SANTOS & RAPOZO, L.ª

RUA DO CARMO, 55, 1.º (AO CHIADO)

LISBOA - PORTUGAL

GRAND PRIX

NA

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO

RIO DE JANEIRO

DE 1923

REDACTORES FOTOGRAFICOS

DA “ALMA NOVA”, EM LISBOA

(TRABALHOS DE ATELIER)

FRAGOZO FERNANDES

ADVOGADO

Questões civis, commerciaes e criminaes

RUA DA VITÓRIA, 53, 3.º E.

TELEFONE CENTRAL 957

LISBOA

MIGUEL MONTEIRO

(TRÁS-OS-MONTES) VILA REAL

RUA TRINTA E UM DE JANEIRO, 43

OOO

Correspondente das melhores fabricas estrangeiras de fotolipias artisticas, tais como biheles postais com vistas, albums, panoramas de todos os formatos, estampas de qualquer espécie, etc.

Editor dos postais de Vila Real, reproduzindo os seus motivos históricos, as suas Avenidas, Fontes, Palácios e Castelos. A mais completa coleção até hoje editada.

Encarrega-se de edições de vistas para qualquer terra do país, a preços vantajosos, executando também as respectivas fotografias para esse fim, com completos conhecimentos da arte.

PEDIR DRÇAMENTOS

# CONSERVARIA LISBONENSE

FABRICA ELECTRO-MECANICA  
DE CONFEITARIA E CONSERVARIA

DE

**M**AURICIO  
BRANCO & <sup>DA</sup>  
SOARES **L.**

35, RUA DAS  
-- PEDRAS --  
NEGRAS, 37

TELEFONE -- --  
--- C. 4226

L I S B O A

FABRICO  
ESMERADO EM  
AMENDOAS, MAR-  
MELADA, FRUTAS  
COBERTAS  
E  
CRISTALISADAS  
E DOS  
AFAMADOS



REBUÇADOS DE FRUTAS E ALTEIA LISBONENSES

EXPORTAÇÃO PARA AS ILHAS, COLONIAS E ESTRANGEIRO

ENVIAM PARA TODA A PARTE CARTONAGENS FINAS  
DOS SEUS PRODUCTOS, PROPRIAS PARA BRINDES